

# 13º EGAS

## ENCONTRO GAÚCHO DE ASSISTENTES SOCIAIS

**SE CORTAM DIREITOS, QUEM É PRETA E POBRE SENTE PRIMEIRO. A GENTE ENFRENTA O RACISMO NO COTIDIANO.**

**17 E 18 | MAIO 2019 - PORTO ALEGRE/RS**

# 13º EGAS

## CARTA ABERTA | MAIO 2019

### ENCONTRO GAÚCHO DE ASSISTENTES SOCIAIS

**M**obilizados/as pelo tema: “Se cortam nossos direitos, quem é preta e pobre sente primeiro”, nós, assistentes sociais, de diferentes espaços sócio-ocupacionais e estudantes de graduação e pós-graduação em Serviço Social, vindos/as de diferentes regiões do RS nos reunimos no 13º Encontro Gaúcho de Assistentes Sociais (EGAS), nos dias 17 e 18 de maio de 2019, em Porto Alegre.

Frente ao recrudescimento das expressões da questão social em tempos de barbárie, de violação de direitos e das liberdades democráticas, as reflexões desencadeadas nos Seminários Temáticos, direcionados à Formação e Trabalho Profissional, Ética e Direitos Humanos, Comunicação e Seguridade Social e as atividades artístico-culturais, expressas por meio da música e intervenções culturais, a poesia, o slam, o rap e o hip-hop trouxeram à tona a questão do racismo, do preconceito e da violência institucional vivenciadas no cotidiano. Assumir este debate é materializar a Campanha Nacional “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo”.

Constatamos que o racismo é estrutural e está presente desde a formação sócio histórica do Brasil. Constitui-se num mecanismo potente para o desenvolvimento do capitalismo e uma das faces mais perversas de violação de direitos humanos. Impõe ao povo negro uma condição de subalternidade econômica, social e política, e materializa-se entre outros fatores, por meio do preconceito, da discriminação étnico-racial e da violência institucional. De acordo com o Atlas da Violência (IPEA, 2018) no período de uma década (2006-2016) a taxa de homicídios contra a população negra

cresceu 23% e que a taxa entre os não negros apresentou uma redução de 6,8% no mesmo período. Só no ano de 2016, por exemplo, “[...] a taxa de homicídios de negros foi duas vezes e meia superior à de não negros (16,0% contra 40,2%)” (IPEA, 2018). Esses dados são agravados no que se refere à questão de raça e gênero, quando nesta mesma década a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras. Também a violência obstétrica, o processo de objetificação e desumanização do corpo negro, em especial das mulheres negras, às quais são atribuídos estereótipos que coisificam o “ser mulher”, como objeto e mercadoria.

O mito da democracia racial deve ser questionado, uma vez que as relações sociais, numa sociedade marcada pelo modo de produção capitalista são pautadas pela lógica da exploração, da exclusão e da alienação do trabalho e da vida dos/as trabalhadores/as, especialmente, da população pobre, negra e das mulheres.

Nessa direção, a organização do 13º EGAS, ao assumir a campanha “Assistentes Sociais no Combate ao Racismo”, no contexto de comemoração dos 40 anos do Congresso da Virada, possibilitou aos participantes reafirmar o compromisso com os valores e princípios que constituem o projeto ético-político profissional, que traduz a direção crítica e o compromisso profissional com um projeto societário emancipador. A materialização desse projeto nos mobiliza a denúncia de um conjunto de questões que afetam diretamente os/as trabalhadores/as, por isso, repudiamos: a forma autoritária e violenta empregada nas ações da política de segurança pública; a LGBTfobia e a xenofobia; o

# 13º EGAS

## #VEMPROEGAS #VEMPROGRESS #VEMPRALUTA CARTA ABERTA | MAIO 2019

encarceramento em massa, principalmente da população negra; o armamento da população representando a desproteção social; a mercantilização das políticas sociais; o questionamento à direção crítica do Serviço Social, construída de forma democrática e participativa pela categoria; os processos de precarização do ensino superior, em especial na área do Serviço Social, considerando a reestruturação das Unidades de Formação Acadêmicas-UFAS; o corte orçamentário no âmbito das políticas sociais e a reforma da previdência que põe em xeque a seguridade social pública enquanto conquista inscrita na Constituição Federal de 1988.

O 13º EGAS nos mobiliza a defender: a garantia de políticas sociais públicas, financiadas com o fundo público, constituído com a contribuição de cada trabalhador/a; a educação pública e de qualidade desde a primeira infância; o ensino superior público, gratuito, laico e de qualidade e a autonomia de pensamento nas universidades; o trabalho de base junto à categoria profissional, com ações de educação permanente; o fortalecimento do debate sobre os direitos sociais nos espaços de comunicação popular; o protagonismo dos/as usuários/as dos serviços; a luta por direitos e construção de resistências frente às formas de opressão difundidas nos espaços midiáticos; a construção de estratégias comunicacionais na formação e no trabalho profissional em Serviço Social, para combater o racismo em todos os âmbitos da realidade social; a incidência frente a aprovação do Projeto de Lei 3688/2000, que “dispõe sobre a introdução de assistente social no quadro de profissionais de educação em cada escola”; a defesa dos espaços de participação popular no âmbito do controle social democrático de políticas públicas; a materialização das Diretrizes curriculares da ABEPSS, nos cursos de formação em Serviço Social; o fortalecimento de instâncias político-representativas da categoria (GRESS/ABEPSS/ENESSO/FESS), como espaços potentes de resistência.

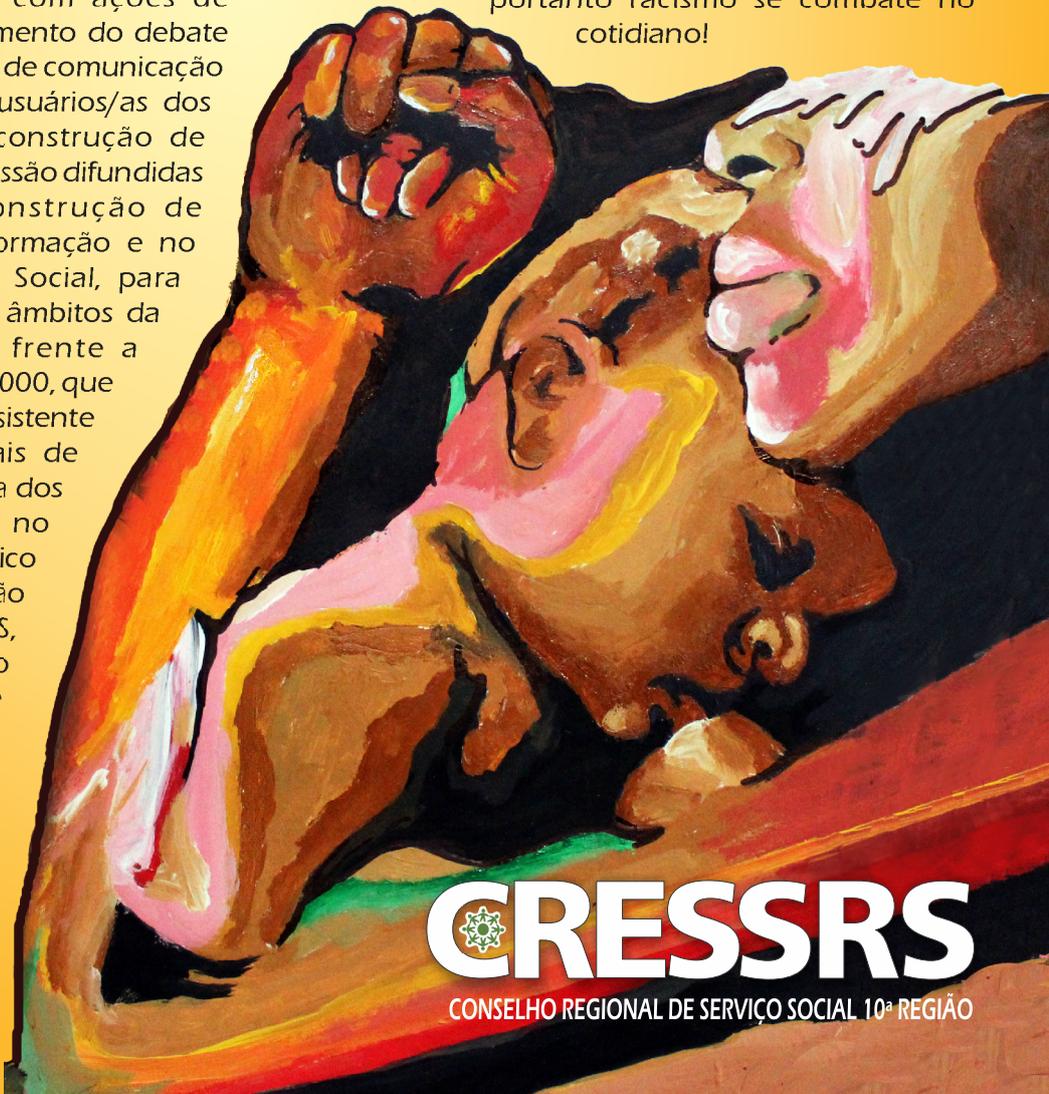
Não resta dúvida de que o projeto ético-político profissional tem materialidade no cotidiano de trabalho dos/as assistentes

sociais. Isso requer dos/as profissionais o empenho quanto à qualidade dos serviços prestados à população, uma vez que assume o compromisso de reconhecimento da liberdade como valor ético central; de defesa intransigente dos direitos humanos; de ampliação e consolidação da cidadania e aprofundamento da democracia; de empenho na eliminação de todas as formas de preconceito e de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero.

Portanto, devemos considerar que ao falar sobre questão racial é não

reduzir a questão a um simples recorte, tendo em vista que 54% da população deste país se auto declara negra. Povo negro não é recorte. A história (inventada) contada sobre a construção deste país, os restringiu aos porões da casa-grande e na base da extratificação socioeconômica. Desta forma, todas e todos assumimos de forma coletiva a centralidade no combate ao racismo e na luta antirracista reconhecendo que povo negro é luta e resistência, portanto racismo se combate no cotidiano!

**ASSUMIMOS DE FORMA  
COLETIVA A CENTRALIDADE NO  
COMBATE AO RACISMO E NA  
LUTA ANTIRRACISTA  
RECONHECENDO QUE POVO  
NEGRO É LUTA E RESISTÊNCIA,  
PORTANTO, RACISMO SE  
COMBATE NO COTIDIANO!**



**GRESSRS**  
CONSELHO REGIONAL DE SERVIÇO SOCIAL 10ª REGIÃO